

Carne decolonial - corporalidades sudacas conectadas

Tania Marín Pérez
PPGAC - Universidade Federal da Bahía

Bacharel em Letras - Artes e Mediação Cultural e Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre América Latina pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), e cursando Doutorado em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Seu trabalho artístico vem do circo contemporâneo, além de formar parte de espaços culturais independentes. Sua pesquisa está focada no desenvolvimento de processos criativos das artes da cena que refletem em torno de questões da corpa sudaca no contexto que habita.

RESUMO

No presente artigo se apresenta um resumo da pesquisa que estou desenvolvendo. A investigação parte da minha experiência enquanto mulher sudaca, na qual reconheço e pretendo destacar opressões geradas na minha carne e pele pelas estruturas patriarcais próprias do capitalismo. Assim pretendo ecoar e me encontrar em outras experiências, que nos ligam enquanto corpas periféricas conectadas. No texto à continuação são apresentadas as perspectivas teóricas adotadas a partir das bibliografias consultadas e alguns estudos performáticos, dos quais formei parte, onde foram abordadas algumas dessas noções organizadas numa linguagem performática.

Palavras chave: Artes cênicas, Corpa, Feminismos decoloniais



Fig. 1 - Registro pessoal



Siempre necesito correr.
Correr para elegir, correr para formarme, correr para trabajar, correr para sostenerme, correr para pagar las cuentas, para pasear los fines de semana, para comer sano, para dormir bien, para tener tiempo para la familia y para les amigos, para mirar series y tener de qué conversar...

correr para que la felicidad no se escape.
correr pero con paso firme para que no te pasen por arriba...

y si no me gusta correr, qué hago?
respiración
tictactictac

Correr para no envejecer, o correr para lograr algo antes... correr para no quedarme vieja, sola y perdida, en una sociedad que valora la juventud, y que ese valor siempre dura poco.

Correr pero que no se note... Para parecer positiva, siempre alegre, linda y buena. Atenta, cordial y reflexiva. Quien me conoce de cerca sabe que nunca me sale.

Correr

Correr para cuidadosamente cuidar de las cosas importantes de la vida... siempre me entrevero cuales eran... por correr para cumplir plazos que se vencen de todos los colores... límites que diferencian los días. No es lo mismo el 15 que fin de mes.

tiempo perdido vs tiempo ganado... es ganado el tiempo que soy ganado? esperando ahí, en la oscuridad de la pasarela el golpe sorpresivo y seco... para que después nos desarmen en pedazos para colgarnos, elegantemente fragmentadas en cortes. a veces me gusta pensarme así... balanceando en el vaivén del gancho, colgando ahí, sin tener que hacer el camino de vuelta a casa ni llegar a lavar los platos.
al final soy carne
carne que corre.

es una pena que correr atrás de la vida no me tonifique los glúteos.

Texto próprio - outubro 2021

Imagens: registro pessoal

1 - INTRODUÇÃO

O trabalho que venho desenvolvendo nos últimos anos tem como foco de atenção à corpa. Chamo de corpa à corporalidade vivida e desenvolvida na experiência e no contexto que habita. O conceito de corpo não dá conta dessa carne viva, que age no mundo ao tempo que é parte dele. Minha reflexão se dá num formato que aborda teorias desde a experimentação artística, e toma forma escrita em páginas que articulam palavras e imagens de naturezas e formatos diversos. O estudo se desenvolve através de pesquisa bibliográfica, pesquisa na escrita e pesquisa cênica, linhas que não podem ser vistas como separadas, mas como partes de um mesmo processo. Ideia, ler, escrever, improvisar, café, laboratório, pensar, escrever de novo, experiência, pausa, improvisar mais, escolher, dançar, café, buraco criativo, conversar com as amigas, café de novo, reescrever, ouvir, mudar de ideia, assistir vídeos, duvidar sobre todo o processo, crise, fazer circo, pensarpensarpensarpensar, assistir espetáculos, treinar, testar, ler de novo, refazer... estou esquecendo coisas... Essas ações se dão em diferentes ordens, indo para frente e para trás, devagar por momentos e muito rápido por outros... Às vezes parando totalmente... nesse fluxo caótico, esse texto é só um ponto (só?).

No desenvolvimento desta pesquisa e desde minha experiência enquanto mulher sudaca, reconheço e pretendo destacar opressões geradas na minha carne e pele pelas estruturas patriarcais próprias do capitalismo. Assim pretendo ecoar e me encontrar em outras experiências, que nos ligam enquanto corpas periféricas conectadas. No texto à continuação são apresentadas as perspectivas teóricas adotadas a partir das bibliografias consultadas e alguns estudos performáticos, dos quais formei parte, onde foram abordadas algumas dessas noções organizadas numa linguagem performática.

O texto se divide em quatro partes tentando visualizar as linhas que se trançam na minha pesquisa no momento atual, linhas profundamente interconectadas. Na primeira parte se traz a perspectiva decolonial, marco que pretende recolocar o contexto sudaca numa posição não de atraso à respeito dos países autodenominados de desenvolvidos, mas percorrendo um caminho diferente. Na segunda parte aparece a perspectiva enativista que, precisamente, entende os fenômenos humanos ligados inseparavelmente ao ambiente que eles habitam. Na terceira parte se pretende trançar essas duas perspectivas na procura de aprofundar num feminismo composto a partir de características próprias do nosso continente. E, finalmente, numa quarta parte, apresento brevemente o processo desenvolvido em duas ações performáticas, uma de 2020 e outra de 2021, que abordam algumas das questões envolvidas nas discussões.

2 - PERSPECTIVA DECOLONIAL - RENASCER SUDACA

“A novidade que a decolonização revela é a ideia de **recaracterização do imaginário**, mediante a superação da autocrática afirmação ou refutação de pontos de vista solitários sobre determinado assunto ou busca.”
(MENDOÇA, MACIEL, COUTINHO, 2018, p. 329) (destaque próprio)

A perspectiva decolonial pretende, antes que nada, uma mudança na forma de olhar. Na forma de olhar nossos contextos, nossos referentes, nossas estratégias para existir, nosso continente, nossa terra, nossa população, nossos conhecimentos. Segundo Aníbal Quijano, um dos principais expoentes desta perspectiva,

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial / étnica da população do mundo enquanto pedra angular daquele padrão de poder, e opera em todos os planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e da escala social. Se origina e mundializa a partir da América. Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento, e no mesmo movimento histórico, o emergente poder capitalista se faz mundial, seus centros hegemônicos se colocam nas regiões situadas sobre o Atlântico -que depois serão identificadas como Europa-, e como eixos centrais do seu novo esquema de dominação, estabelecem também a colonialidade e a modernidade. Em outras palavras: com América (Latina) o capitalismo se faz mundial, eurocentrado e a colonialidade e a modernidade são instauradas, até hoje, enquanto eixos constitutivos desde específico esquema de poder. (QUIJANO, 2014, p. 286) [Tradução própria]¹

O decolonialismo traz para o meu trabalho um marco que pretende recolocar o contexto Sudaca (assim como outros contextos não hegemônicos), enquanto território criativo. Questionando conceitos como os de progresso ou desenvolvimento, tem suas próprias formas de produzir conhecimentos, situados, engajados nas culturas que emergem, ao invés de correr sempre atrás dos movimentos das sociedades dos países “avançados”. A própria noção de desenvolvimento, que se compõe na ideia de que há países mais “avançados” e outros mais “atrasados”, se baseia numa visão da história como uma linha. Se deduz a ideia de que os países em desenvolvimento nos encontramos num estado infantil, e que o tempo vai nos trazer aquele crescimento desejado. Não é considerada a possibilidade de outros caminhos, de outras formas de nos organizar, nem de pensar nossos próprios meios de melhorar nossas sociedades. A colonialidade de nossos pensamentos e das instituições acaba gerando que, muitas vezes, nem

¹ Texto original: La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial / étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder, y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia cotidiana y a escala social. Se origina y mundializa a partir de América. Con la constitución de América (Latina), en el mismo momento y en el mismo movimiento histórico, el emergente poder capitalista se hace mundial, sus centros hegemónicos se localizan en las zonas situadas sobre el Atlántico –que después se identificarán como Europa–, y como ejes centrales de su nuevo patrón de dominación se establecen también la colonialidad y la modernidad. En otras palabras: con América (Latina) el capitalismo se hace mundial, eurocentrado y la colonialidad y la modernidad se instalan, hasta hoy, como los ejes constitutivos de este específico patrón de poder. (QUIJANO, 2014, p. 286)

sejam pensadas soluções que emergem das necessidades do contexto, e se adaptem soluções estrangeiras que invisibilizam as particularidades das situações locais.

A colonialidade implica uma forma de nos colocar no mundo, não como num estágio anterior ao que estão atravessando hoje os países chamados de desenvolvidos, mas numa posição hierarquicamente inferior numa estrutura que não apresenta intenções de se transformar. A proposta decolonial abre a possibilidade de ver a história enquanto linhas múltiplas que se expandem em direções diversas e se tecem ao longo do que acontece no mundo. Não há só um possível caminho, nem um único destino válido.

Na produção de conhecimento, não se trata de procurar novas respostas, mas de formular novas perguntas, tanto no seu conteúdo, como na sua forma.

3 - PERSPECTIVA ENATIVISTA

A existência de nossa espécie neste planeta, se dá através das nossas corporalidades. A perspectiva enativista do conhecimento aborda a problemática dessas corporalidades, de uma forma que pode contribuir em grande medida para essa discussão. Essa perspectiva aborda a problemática da corpa, considerando ela um elemento relacional, que se desenvolve integrada ao contexto que a rodeia, ao ambiente, e também às outras corpas. As corporalidades têm, desde esta visão, uma dimensão física e biológica, que é inseparável de outra dimensão que é dada pela experiência que essa fisicalidade atravessa (e pela qual é atravessada). Essa proposta é apresentada o livro *The embodied mind*, de Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (1993), no seguinte fragmento:

Afirmamos, junto a Merleau-Ponty, que a cultura científica ocidental requer que vejamos nossos corpos enquanto estruturas físicas e enquanto estruturas vividas, experienciais, sendo, ao mesmo tempo, 'externas' e internas', biológicas e fenomenológicas. Estes dois lados da corporalização [*embodiment*], obviamente não se opõem. Ao contrário, constantemente vamos e voltamos, circulando entre eles. (VARELA, THOMPSON, ROSCH, 1993, p. xvi) [Tradução própria]²

Desde esta perspectiva, as estruturas biológicas, humanas ou não, se organizam elas mesmas em relação ao contexto, construindo e constituindo significados no desenvolvimento desse vínculo -interior/exterior- através das práticas que no contexto se performam. Se observamos as línguas, por exemplo, desde esta perspectiva e enquanto práticas humanas, encontramos que seus signos se constroem nos seus contextos, respondendo às necessidades que emergem dele. Como quando uma árvore nova cresce e se adapta ao espaço no qual está se

² Texto original: "We hold with Merleau-Ponty that Western scientific culture requires that we see our bodies both as physical structures and as lived, experiential structures-in short, as both "outer" and "inner," biological and phenomenological. These two sides of embodiment are obviously not opposed. Instead, we continuously circulate back and forth· between them." (VARELA, THOMPSON, ROSCH, 1993, p. xvi)

desenvolvendo, aproveitando espaço, se expandindo na procura do sol, do solo ou da água, encontrando buracos e gretas, se expandido atravessada por tudo aquilo que a rodeia, ao tempo que recompõe o espaço que a compõe. Assim a linguagem também desenvolve sua existência; suas estruturas e usos determinam e estão determinados por fatores culturais, sociais, discursivos ou de poder (econômico, político, ideológico, religioso), constituindo um reflexo (não tanto literal, mas quase um reflexo metafórico) das situações que se estão atravessando nas sociedades em que emergem. O uso da linguagem não é objetivo nem linear, mas está carregado de metáforas, valores, opressões, forças e significados diversos.

Destas reflexões se desprende minha decisão, para este trabalho, de me afastar do termo “corpo”, preferindo utilizar o feminino “corpa” (em espanhol “*cuerpa*”). Essa mudança tão pequena tem um alcance muito grande, sendo o aspecto que destaca primeiro o fato de que a linguagem é um campo de batalha, um meio de impor dominação ou de fazer mudanças. É também importante destacar que o termo corpo não dá conta dessa corporalidade vivida, engajada no seu contexto e atravessada pelas suas experiências.

A realidade aparece encarnada nas corporalidades que a habitamos, numa relação de múltiplas direções. A carne [está/é/sou/estou] embebida desse contexto, engajada nas relações de poder que se impõem e interagem com ela, expandida no espaço que habita, ao tempo que é ativa e interfere nele. Esta corporalidade é a que chamo de **corpa**, no feminino, não para descrever a fisiologia feminina, mas para nomear aquela matéria viva, organizada e conectada com aquilo que a rodeia. A corpa é afetada na fisicalidade, e nas identidades, discursos em luta constante, dificuldades da vida diária, problemas pessoais, problemas da sociedade, expansão e interação pelos meios virtuais, entre outras coisas, elementos que constroem a realidade vivida, experiencial das pessoas, totalmente atravessadas por ela.

Nomear as coisas coloca elas numa posição específica dentro da cultura, gera atribuições, exigências e existências para as coisas nomeadas. Como exemplo neste sentido, podemos pensar no nome que foi dado para nosso continente “América Latina”. O primeiro nome: América. A palavra remete a uma pessoa estrangeira, um tal de Américo Vespúcio, que, aparentemente, foi quem descobriu (para a cultura dele), lá atrás no século XV, que as terras nas quais chegaram os barcos do Colombo anos antes, não pertenciam ao continente asiático, mas a um outro território... desconhecido até o momento para eles. O sobrenome que nos foi dado, Latina, coloca nossa existência sempre em relação à Europa, além de desconhecer fortemente as culturas locais, que pouco podem ser identificadas enquanto *latinas*. Somos como uma filha da Europa, ou neta? Por isso levamos seu sobrenome.

Escolher (ou que sejam impostos) os nomes que queremos dar às coisas é uma fonte de opressão sub-reptícia, mas também, ao mesmo tempo, pode ser um meio de empoderamento, de resistência e de revalorizar o que queremos que seja valorizado. Duas agulhas pretendem costurar nosso hoje neste trabalho. A primeira agulha é a palavra corpa. A palavra corpa, traz uma forma de nos entender que concebe a carne que nos coloca no mundo em interação constante com o mundo que nos envolve. A feminização do termo responde a uma ampliação que se expande muito além dos limites da pele para se colocar organizada e afetada pelo espaço que habita e pelos seres que tem ao redor. A segunda agulha é o nome do continente: não vou chamar mais de América Latina, mas de Sudaca. A decisão se deve a que me parece urgente deixar de nos descrever tendo como referências fenômenos que nada tem a ver com essa terra, mas que são impostos. Desconheço em profundidade o termo, mas não consigo articular o nome América Latina com a perspectiva decolonial.

A língua é um campo de batalha no qual se atravessam imposições, ideologias e lutas de poder. O espanhol e o português foram impostos no território à força nos tempos da colonização. A imposição foi tão forte que ainda hoje, mais de 500 anos depois de que chegaram, ainda são as línguas oficiais dos países destas terras. As línguas das culturas locais, existentes com anterioridade à chegada dos europeus são constantemente invisibilizadas, colocadas como o setor mais atrasado de todos os atrasados, e se coloca aos seus falantes enquanto inferiores, menos desenvolvidos. De várias formas, às vezes muito sutis, se justifica a tutela por parte de ocidente daquelas línguas, daqueles povos, que são (somos) como crianças da humanidade e precisam(os) daquele cuidado. Esse cuidado/vigilância se materializa através de vários métodos, constituindo-se algumas instituições como ferramentas centrais. Um caso que serve de exemplo é a Real Academia Espanhola, instituição que se propõe normatizar o espanhol, que é uma prática viva, que existe e se transforma dia a dia nas ações das pessoas que o falamos, que o vivemos, que o transformamos... que fazemos carne dele.

os nomes que damos às coisas não falam tanto da “coisa” nomeada nela mesma, mas falam do vínculo que eu estabeleço com essa coisa

4 - FEMINISMOS DECOLONIAIS

Estas duas perspectivas, a decolonial e a enativista, aplicadas às lutas dos feminismos atuais, dentro das quais me encaixo, tem como resultado uma visão e proposta específica dentro das lutas pela igualdade de gênero. As corpas estão engajadas com as realidades experienciais

e fermentadas nos ambientes nos quais se desenvolvem. De forma complementar, as lutas contra as estruturas machistas e patriarcais tomam cor e textura próprias em cada território onde proliferam. Por isso, no meu feminismo, não se pretendem verdades universais, mas reflexões locais e específicas, reconhecendo a pluralidade de vozes onde ecoam outras verdades conectadas. Pretendo priorizar o respeito à diversidade, sempre que sua verdade não se proponha apagar a minha. Se quiser falar me escreva, nada melhor do que receber respostas reais destas palavras escritas. Sobre a necessidade de potenciar feminismos situados, a activista feminista aymara Julieta Paredes planteia o seguinte:

O feminismo do ocidente responde às necessidades das mulheres na sua própria sociedade: elas desenvolveram lutas e construções teóricas que pretendem explicar sua situação de subordinação. Ao se instaurar no mundo das relações coloniais, imperialistas e transnacionais, essas teorias viraram hegemônicas no âmbito internacional, inviabilizando assim outras realidades e outros aportes. (PAREDES, 2014, p. 75) [Tradução própria]³

As reivindicações dos feminismos, assim como outras lutas, longe de serem universais, se desenvolvem de forma distinta e engajada em cada contexto. As situações de opressão se manifestam das formas mais diversas, e o não reconhecimento dessa diversidade pode trazer consequências muito contraproducentes. É necessário reconhecer que os movimentos das sociedades emergem do contexto que os gera, mesmo tendo situações que nos podem vincular, não é a mesma situação nas culturas diferentes.

Um exemplo de manifestação que se expandiu em diversos setores das sociedades sudacas nos últimos anos é a utilização da linguagem inclusiva. O campo da língua virou território de novas e fortes disputas, neste caso abordando a problemática de gênero, nas quais se enfrentam online pessoas e instituições. Na língua espanhola temos, na Espanha, uma instituição chamada *Real Academia Española*, que descreve sua missão da seguinte forma:

A Real Academia Espanhola, fundada em 1713 pela iniciativa de Juan Manuel Fernández Pacheco y Zúñiga, é uma instituição com personalidade jurídica própria que tem como missão principal velar que as mudanças experimentadas na língua espanhola na sua constante adaptação às necessidades de seus falantes, não quebrem a essencial unidade que mantém em todo o âmbito hispânico, segundo estabelece o artigo primeiro dos seus atuais estatutos.

De conformidade com esse mesmo texto, a RAE deve «cuidar igualmente de que essa evolução conserve o gênio próprio da língua, tal como este tem se consolidado ao longo dos séculos, assim como estabelecer e difundir os critérios de propriedade e correção, e de contribuir ao seu esplendor. Para alcançar tais fins, estudará e fomentará os estudos sobre a história e sobre o presente do espanhol, divulgará escritos literários, especialmente clássicos, e não literários que julgue importantes para o conhecimento de tais questões, e procurará manter viva a lembrança daqueles que, na Espanha ou

³ Texto original: “El feminismo en occidente responde a las necesidades de las mujeres en su propia sociedad: ellas desarrollaron luchas y construcciones teóricas que pretenden explicar su situación de subordinación. Al instaurarse en el mundo de relaciones coloniales, imperialistas y transnacionales, estas teorías se convierten en hegemónicas en el ámbito internacional invisibilizando así otras realidades y otros aportes.” (PAREDES, 2014, p. 75)

América, tem cultivado com glória nossa língua». (...) (Página web da Instituição, <https://www.rae.es/la-institucion> Acesso: 11 nov 2021) [Tradução própria]⁴

Um mergulho profundo neste parágrafo exigiria extensões que desbordam os objetivos deste texto, mas cabe ressaltar alguns aspectos. Essa instituição, que é considerada como a responsável pela língua espanhola, pretende estabelecer limites à linguagem, que não são possíveis, já que é um elemento vivo, que responde às necessidades do contexto. A linguagem é atravessada por forças diversas, e a luta nessa dimensão tem gerado grandes debates, tanto com a instituição, quanto com seus guardiães anônimos, dispersos na rede e ocultos detrás de telas. A Real Academia Espanhola é uma instituição que pretende exercer um controle na língua, baseada num poder autodesignado, mas avaliado por muitos setores das sociedades hispano-falantes. Essa é uma das formas nas quais o colonialismo ainda impera através da linguagem, não só no nosso continente, mas também na própria Espanha, onde invisibiliza as outras línguas que são faladas.

macumbeir homem de
admirador do pão com o bichinho
agritona vadiaria bichinho boneca e feminador retrograba a piranha dona
ovo da

O feminismo no qual encaixo foi tecido junto a perspectivas decolonial e enativista, apresentando um universo a mergulhar, um oceano de possibilidades, margens, imagens, perspectivas, expectativas, palavras, discursos, sons, movimentos, pausas. Dançar as dúvidas, as perguntas, os desencontros. Tranças, tecidos, redes, cordas, nós, amarres, cabelos, tecedoras, aranhas... A corpa é o território onde o poder se exerce, ao tempo que é meio de expressão e resistência. Mulheridades tecendo o novo mundo... soltando enredos, e colocando de um jeito novo. Vivendo a vida através de conexões.

⁴ Texto original: “La Real Academia Española, fundada en 1713 por iniciativa de Juan Manuel Fernández Pacheco y Zúñiga, marqués de Villena, es una institución con personalidad jurídica propia que tiene como misión principal velar por que los cambios que experimente la lengua española en su constante adaptación a las necesidades de sus hablantes no quiebren la esencial unidad que mantiene en todo el ámbito hispánico, según establece el artículo primero de sus actuales estatutos. De conformidad con este mismo texto, la RAE debe «cuidar igualmente de que esta evolución conserve el genio propio de la lengua, tal como este ha ido consolidándose con el correr de los siglos, así como de establecer y difundir los criterios de propiedad y corrección, y de contribuir a su esplendor. Para alcanzar dichos fines, estudiará e impulsará los estudios sobre la historia y sobre el presente del español, divulgará los escritos literarios, especialmente clásicos, y no literarios que juzgue importantes para el conocimiento de tales cuestiones, y procurará mantener vivo el recuerdo de quienes, en España o en América, han cultivado con gloria nuestra lengua». (...)”



estou esperando a pizza, mas no geral se trata de uma ação contemplativa, sóbria, elegante e elevada. E não espera geralmente devoluções tão concretas quanto a pizza.

Mas as janelas também podem ser ressignificadas e utilizadas de formas distintas aos seus motivos iniciais. Por exemplo, eu de adolescente alguma vez fugi da minha casa por uma janela... pela janela do meu quarto, e fui para uma festinha. Eu estava certa? Nem consigo responder essa pergunta. Mas não estava... não estava certa. Eu sei. Não digo que seja bom, mas digo que pode ser feito. Ou seja, se eu usar a janela para entrar e sair... posso ser como a luz?

Há também janelas de outras naturezas. As janelas virtuais trazem para o meu computador, ou smartphone, ou qualquer dispositivo digital, acesso à rede. São um meio de conexão a uma dimensão infinita de informações diversas, de conexão ao distante, de entretenimento, de comunicação, de aprendizado, e também de fake news, de divulgação de discursos de ódio e violência e de manter a hegemonia do poder como ela está, ou aprofundar seu alcance. Esses pensamentos atravessam minha pesquisa artística, se colocando no centro de reflexão, e a continuação coloco alguns exemplos.

5.2 Performance Pandêmica Live Instagram - maio 2020 (Imagens do registro pessoal)

A chegada da pandemia nos primeiros meses de 2020 impôs uma série de modificações na vida cotidiana das pessoas totalmente novas. O isolamento físico, a expansão do virtual, o medo e a incerteza constantes passaram a constituir nossos dias. A distância e as saudades passaram a inundar nossos cotidianos, e nessa performance aprofundamos nesse sentir, na busca de nos sobrepôr à solidão imperante no momento. Essa performance virtual foi parte de uma performance maior, e foi montada por mim junto a Aluska Sampaio, numa proposta que estava

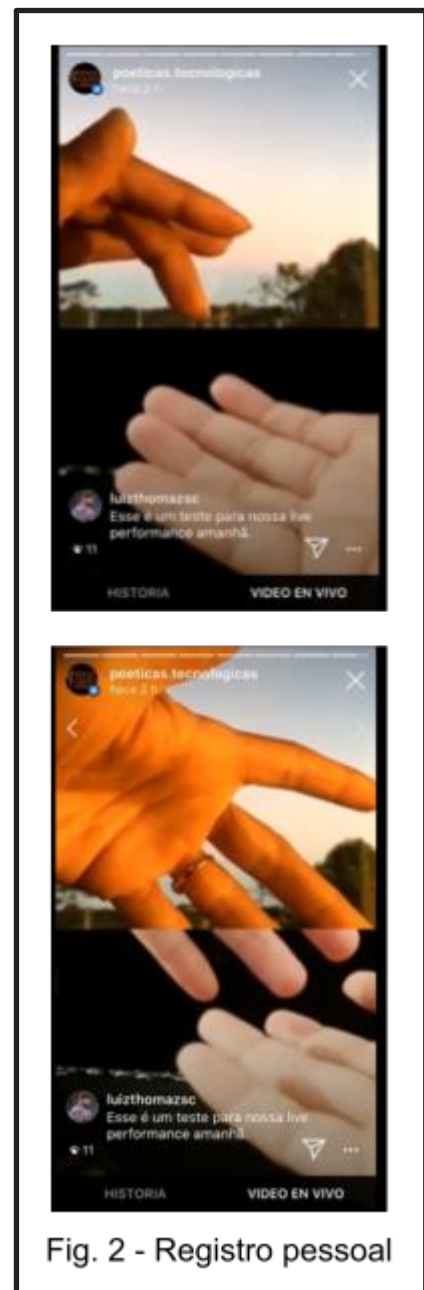


Fig. 2 - Registro pessoal

composta por várias performances do Grupo de Pesquisa Poéticas Tecnológicas, coordenado pela artista pesquisadora Dra. Ivani Santana.

O que é estar perto? O que é distância? De onde vêm as saudades? Onde elas ficam? Como transcender ao medo que me gera o contato? Como nos cuidar e cuidar dos outros? Como um abraço virou risco? Como nos sentir perto das outras pessoas nesse contexto? Ruas vazias, lojas fechadas, espaços que sempre aparecem lotados agora estão sem ninguém, aeroportos e fronteiras, falta de álcool gel e papel higiênico, suba de preços, hospitais sobrecarregados, notícias constantes de morte e risco... Pessoas sem comida, doentes sem traslados nem atenção adequada, pessoas idosas ainda mais sozinhas, crianças fechadas dentro de casa, perda de empregos, insegurança. Crise social em slow motion, enquanto olhamos para o mundo através de janelas.

Essa performance pretendeu abordar o sentir da solidão e a incertidumbre daqueles primeiros meses de 2020, sentimentos compartilhados entre as participantes. A ideia partiu da ferramenta de transmissão ao vivo na plataforma Instagram. Essas transmissões podem ser feitas por duas pessoas, e nesse caso, a tela fica dividida em dois; duas imagens distintas geradas por duas câmeras distantes, que se juntam numa tela só e que podem ser vistas em inúmeras telas espalhadas pelo mundo. Refletindo sobre os encontros através de videochamada, a distância física, o medo, as dúvidas e as saudades surgiu essa performance que pretendeu, no momento, nos conectar e sentir perto num abraço virtual.

5.3 InSubmersas

Mulheres da Improvisação março 2021
(Imagens do registro pessoal)

O segundo processo se trata de uma performance realizada na Bienal de dança de Ceará realizada em março de 2021 pela conexão Mulheres da Improvisação⁵, da qual formei parte durante 2020 e 2021.

A apresentação, realizada numa plataforma digital, consistiu numa série de salas virtuais onde aconteceram, simultaneamente, diferentes performances realizadas ao vivo em pontos diferentes do Brasil, e eu no Uruguai. Eram 5 salas, em cada uma delas aconteceu



⁵ A conexão Mulheres da Improvisação está integrada por Ivani Santana, Lígia Tourinho, Líria Moraes, Carolina Natal, Ana Mundim e Roberta Ramos:
<https://mulheresdaimprovis.wixsite.com/impromulheres/bios-test>

5 vezes a mesma performance (em tempo real) e o público era trasladado de uma sala para outra. Depois de uma hora, todas-as-os as pessoas tinham passado por todas as salas. Neste caso, as janelas conformam parte essencial do trabalho, focado no conceito de



presença na improvisação, desde o contexto atravessado no momento. O conceito de presença foi eixo central no trabalho, considerando que é um estado que não é dado, mas alcançado. Como diz o filósofo enativista Alva Noë no livro *Varieties of presence* (2012) as variedades da presença referem às diversas formas nas quais estamos presentes no mundo, nos conectamos e interagimos com ele/nele, deixando de lado a ideia de que o mundo se apresenta para nós como um elemento que nos é alheio (prefácio, p. XI).

O processo foi desenvolvido ao longo de quase um ano de trabalho e reflexão, através de encontros semanais onde foram tecidos pensamentos, discussões e danças em suportes virtuais, abordando questões como; o que é estar presente na improvisação e no contexto digital, o que é contato, o que é estar perto ou longe...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDOÇA, João Alberto. MACIEL, Josemar de Campos. COUTINHO, Dolores Pereira Ribeiro. Sobre o modelo decolonial: a importância do outro e a urgência de seu olhar. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 54, N. 3, p. 328-335, set/dez, 2018.

NOË, Alva. *Varieties of Presence*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012.
PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**. Cooperativa El Rebozo, México, 2014 (1ed 2010). Disponível em <https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino-desde-el-feminismo-comunitario.pdf> Acesso 7 nov 2021

QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. CLACSO, Buenos Aires, 2014. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf> Acesso: 11 nov 2021

Varela, J. Francisco. Thompson, Evan. Rosch, Eleanor. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Massachussets Institute of technology, Massachussets. 1993

Páginas web

Real Academia Española - <https://www.rae.es/la-institucion> Acesso: 10 de março 2022

II Encontro Interdisciplinar em Dança-Cognição-Tecnologia - EiDCT - <http://eidct.com/>